

## Nós, as testemunhas: notas sobre um jornalismo de teor testemunhal

Fernando Resende<sup>1</sup>

Ana Cláudia Peres<sup>2</sup>

**Resumo:** À luz de um quadro histórico-cultural que corrobora a inscrição do jornalismo como uma prática discursiva produtora de sentidos, este artigo traça uma cartografia de narrativas que se aproximam de um jornalismo de teor testemunhal. Nossa premissa é a de que, quando valorizado nas narrativas midiáticas para além da técnica, o testemunho dá a ver um sensível da experiência e nos leva em direção a um outro, fazendo-nos indagar a respeito de uma dinâmica relacional do jornalismo. Em meio a uma imprensa na qual imperam notícias de violência, e ao pensar o contexto atual em que o próprio avanço tecnológico contribui para o processo de desdobramento dos enquadramentos midiáticos a que estamos todos sujeitos, procuramos apontar um potencial político e estético do testemunho para o jornalismo.

**Palavras-chave:** narrativa, jornalismo, testemunho, comunicação.

**Abstract:** From the perspective of our current cultural-historical framework, which helps legitimize the idea of journalism as a discursive practice, this article draws a mapping of narratives that allow us to think about journalism and its testimonial contents. Its premise is that, when valued in media narratives, testimony gives rise to a sensitive experience, taking us towards the other, and therefore making us consider and understand a relational dynamics within journalism. Amid a press where news of crime and violence is what prevails, and by thinking from the perspective of our current experience, in which the technological advances contribute to the unfolding of news framings, what this article also points out is a political and aesthetic potential gesture to be noticed in testimonial journalistic practices.

**Keywords:** narrative, journalism, testimony, communication.

### 1. Uma introdução ou breve inventário de existências

“Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. (Paul Ricoeur, 2010, p.94)

A babá abandonada pede a detenção do marido, um “mau cidadão” que não pode outra coisa senão causar dano aos quatro filhos. O funcionário subalterno implora ao rei justiça contra a “mais malvada de todas as mulheres”. Há ainda a astróloga perigosa que “rouba, engana e escandaliza”; o filho impetuoso e violento, “monstro da libertinagem”; o cocheiro de

<sup>1</sup>Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: fernandoaresende1501@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: anaclaudia.peres@gmail.com.

aluguel, “homem extremamente devasso”. Foi Michel Foucault (2003) quem, de posse dos arquivos de internamento, da polícia, das petições ao rei e das cartas régias com ordem de prisão datados dos séculos XVII e XVIII, realizou um verdadeiro tratado sobre como o cotidiano, o ordinário, o comum se inscrevem no tecido social.

Para construir uma “antologia de existências”, Foucault vai escutar essas vidas onde elas falam por si próprias, em algumas raras palavras que dizem sobre elas ou que elas próprias pronunciaram, nos rastros que deixaram nos relatos dos documentos, no ponto exato em que essas existências cruzaram com o poder. A partir dos fragmentos de discurso que se lê em “A vida dos homens infames”, tem-se acesso a homens e mulheres que são “como se não tivessem existido” (2003, p. 208) mas que sobrevivem e retornam – por que não dizer? – pelo testemunho que deram de sua existência. O pensador sinaliza:

O insignificante cessa de pertencer ao silêncio, ao rumor que passa ou a confissão fugidia. Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas. (FOUCAULT, 2003, p.213).

Esses textos, para Foucault, carregavam “alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado”. São ruídos cotidianos vinculados às faltas banais e pequenas fraquezas, que começaram a irromper no espaço público no final do século XVII com a substituição do mecanismo da confissão pelo do testemunho. Em vez do agenciamento religioso, entravam em cena os procedimentos administrativos. Ou seja, “o mal minúsculo da miséria e da falta não é mais remetido ao céu pela confidência apenas audível da confissão; ele se acumula agora sobre a terra sob a forma de rastros escritos” (FOUCAULT, 2003, p. 211).

No terreno da História, é também a partir do embate com o poder que ocorre a valorização das micronarrativas que privilegiam o trivial e as pequenas histórias do dia-a-dia. Elas passam a funcionar como estratégias de resistência e disputa em que grupos marginais buscam reafirmar suas identidades e pleitear a sua versão da história contra discursos oficiais e hegemônicos (FOLLAIN, 2009). Indo um pouco mais além, Follain trabalha com a ideia de que, para reatar os fios partidos das narrativas identitárias, as micronarrativas “passam a ser consideradas também um recurso utilizado pelo indivíduo, em sua solidão existencial, para se conectar com o outro” (FOLLAIN, 2009, p. 134)

Tomando esse pressuposto e a partir de uma sobreposição de testemunhos coletados em reportagens que têm como pano de fundo as infâmias do cotidiano, este artigo pretende discutir como o testemunho aparece nas narrativas jornalísticas. Onde ele aparece? E de que modo nos interpela? Neste percurso, indagamos: pode o testemunho rasgante de uma experiência singular, quando narrada, dar a ver um sensível do acontecimento para além do caráter explicativo do jornalismo? Nesse sentido, tomamos para análise a narrativa sobre uma ação do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais), em uma favela do Rio de Janeiro (Revista piauí), a reportagem gráfica sobre a teia de exploração sexual de meninas às vésperas da Copa do Mundo de 2014, no Ceará (Agência Pública), e o relato de Vinícius, o garoto que dribla a morte e joga a Copa do Mundo das crianças de rua (Folha de S. Paulo) a fim de indagar sobre um jornalismo de teor testemunhal.

## 2. Um outro quadro histórico-cultural

Esta reflexão busca compreender o jornalismo como prática discursiva, a partir de um quadro histórico-cultural marcado por inscrições técnicas e simbólicas que apontam para a necessidade de tratá-lo como próprio de um campo de relações no qual, antes de tudo, se encena a “confluência de vozes e sentidos” (BENETTI, 2007) que lhe é constitutiva. Nesse quadro histórico-cultural, a questão da representação do Outro, enquanto problema, é também resultado do próprio avanço tecnológico, pensado como ativador de uma produção exacerbada de falas mediadas que, a todo instante, produz demandas por representatividades (RESENDE, 2012).

Judith Butler (2015), ao discutir a questão dos enquadramentos, nos permite uma reflexão que muito contribui para pensarmos o quadro histórico-cultural a partir do qual sugerimos considerar o jornalismo nos dias atuais. Para esta autora, enquadramentos, antes de tudo, dizem respeito às molduras nas quais (e através das quais) apresentamos os acontecimentos do mundo. Butler, no entanto, vai além desta noção já conhecida para nos fazer entender que eles também são molduras nas quais (e através das quais) temos acesso a modos de pensar e interpretar o mundo. Este aspecto, para a autora, é fundamental, já que em se tratando de pensar a mídia hegemônica, o mundo que acessamos, na grande maioria das vezes, é apresentado através de enquadramentos binários.

Esta problemática nos parece ainda mais relevante se considerarmos os desafios que o avanço tecnológico tem trazido ao jornalismo. Sendo a atividade jornalística uma prática de enunciação, nos parece imprescindível a atenção ao fato de que, nos dias atuais, os acontecimentos do mundo nos chegam de forma instantânea, por vários lugares e de vários modos. E, neste aspecto, a despeito das determinações técnicas que definem o jornalismo e seu campo de ação, os enquadramentos se apresentam de forma diversificada, o que certamente coloca em questão, de forma mais contundente, os binarismos com os quais ele opera. Butler, ainda que não mencione o jornalismo de forma específica, leva em conta este mesmo aspecto, discutindo a mídia e a posição em que ela se encontra nos dias atuais. Considerando a argumentação de Benjamin sobre a era da reprodutibilidade técnica, Butler afirma:

As próprias condições técnicas de reprodução e reprodutibilidade produzem um deslocamento crítico, se não uma completa deterioração do contexto, em relação aos enquadramentos usados em tempos de guerra pelas fontes de mídia dominantes. Isso significa, em primeiro lugar, que, mesmo que alguém pudesse, considerando a cobertura global da mídia, delimitar um ‘contexto’ único para a criação de uma fotografia de guerra, sua circulação se afastaria necessariamente desse contexto. (2015, p. 24, grifo da autora).

Ao deslocar contextos, dirá ainda Butler, há algo que “escapa ao controle” e que faz com que fique mais transparente a ideia de que o enquadramento “não é capaz de conter completamente o que transmite, e se rompe toda vez que tenta dar uma organização definitiva a seu conteúdo” (BUTLER, 2015, p. 26). Em outras palavras, um desdobramento de enquadramentos se torna efetivo, produzindo outros sentidos e outras trajetórias de interpretação acerca dos acontecimentos do mundo, o que certamente coloca em suspeição as versões a respeito do próprio acontecimento.

Neste jogo está situado o jornalismo que hoje conhecemos. E é por este viés, portanto à luz de um quadro histórico-cultural distinto daquele que, de certa forma, o torna inaugural em fins do século XIX, que ao jornalismo de hoje cabe o desafio de falar com o Outro<sup>3</sup>. Este desafio, se compreendido como parte de um contexto abrangente no qual práticas e conhecimentos sofrem alterações, além de suspender a ideia de uma suposta particularidade que poderia ser atribuída ao jornalismo enquanto instância de enunciação, questiona a sua

---

<sup>3</sup>Em Resende (2012) há uma reflexão mais detida acerca do quadro histórico-cultural que corrobora e, de certa forma, inaugura a fase industrial do jornalismo, evocando, ao longo de grande parte do século XX, uma de suas funções centrais que diz respeito a um “falar para as massas”.

própria função de enunciador legítimo dos acontecimentos do mundo. Deste modo, pensar o jornalismo de teor testemunhal, atribuindo à prática jornalística um caráter relacional, é aqui entendido como um gesto proativo, pois apresenta perspectivas que nos conduzem ao conhecimento de modos narrativos que ampliam nossas formas de compreender o jornalismo. É por esta perspectiva que o testemunho é aqui pensado como instância de correlação de afetos.

### 3. Os sobreviventes da Maré

Junho de 2013. Favela Nova Holanda. “O Complexo da Maré viveu dois dias de terror provocados por uma guerra entre traficantes e policiais do Bope” (Jornal O Dia). “Ação começou após arrastão na avenida Brasil” (Portal de notícias G1). “As vítimas, de acordo com informações, são dois moradores, um policial militar e seis suspeitos por envolvimento com o tráfico” (Jornal O Globo). “Sobe para 10 o número de mortos em operação na Maré, diz polícia” (portal de notícias G1). “O local é próximo à Baixa do Sapateiro, uma das 15 favelas do Complexo da Maré. Baixa do Sapateiro e Vila do Pinheiro são dominadas pela facção Terceiro Comando, rival do Comando Vermelho” (Folha de S. Paulo). Todas essas informações foram extraídas ao acaso de um recorte do noticiário da época e noticiam a violenta ação do Batalhão de Operações Policiais Especiais na noite de 24 de junho de 2013, em uma favela da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Dois meses depois, em agosto, uma reportagem publicada na revista piauí intitulada “Os invisíveis” narra o episódio a partir do testemunho daqueles que sobreviveram ao trauma<sup>4</sup>. A jornalista não apenas recupera os relatos dos que foram atingidos direta ou indiretamente pelo acontecimento como também acompanha depoimentos dos moradores junto ao coronel da polícia que investiga o caso. Durante o percurso narrativo, é dada ao leitor a possibilidade de conhecer os personagens por inúmeras marcas discursivas de teor testemunhal, reveladas ora nas declarações dos entrevistados ora nos vestígios deixados pela narradora, não importando se a jornalista estava ou não presente no momento em que se deu o fato, mas o modo como ela o reconstituiu.

Vejamos um trecho:

<sup>4</sup>Para ler a reportagem completa: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-83/anais-da-violencia/os-invisiveis>

As ruas do Parque União estavam desertas por causa da confusão na Nova Holanda. Cláudio entrou na favela com todas as luzes da van acesas, de modo a evitar que fossem confundidos com a polícia ou com bandidos. Diminuiu a velocidade para passar entre duas barras de ferro colocadas na rua pelos traficantes, que servem para dificultar a circulação de viaturas na área. Foi então que um tiro estilhaçou o vidro de trás do veículo. Nilzete se atirou no chão da caminhonete e gritou para o marido acelerar. Em seguida outro tiro, e mais outro. Nilzete sentiu a van perder velocidade. Nesse momento, uma nova bala atravessou o vidro a seu lado, espalhando estilhaços sobre os dois. Ela voltou a gritar: “Acelera, eles vão nos matar.” Viu então Cláudio levantar a camisa ensanguentada, abrir a porta e avisar, enquanto caía no chão, com um fio de voz: “Eu já fui atingido.” (“Os invisíveis”, Revista *piáu*, nº 83, agosto de 2013).

Se testemunho é *testis* e *superstes* – no primeiro caso, usado no sentido jurídico, como um terceiro ou aquele que se coloca entre duas partes; e no outro, relacionado aos discursos dos sobreviventes –, é possível sugerir que esta narrativa carrega ambas as acepções. Revelada por Nilzete, que esteve presente no acontecimento, e narrada pela jornalista, que se torna testemunha ao ouvir a narração insuportável do outro, aceitando que suas palavras revezam a história vivida pelo outro (GAGNEBIN, 2004), é somente na tessitura do relato que essas duas pontas se encontram. A partir daí, é como se o testemunho que o jornalismo sustenta fizesse de nós, leitores, testemunhas de outros testemunhos ou, por outras palavras, “testemunhas submetidas aos regimes jornalísticos do ver e do contar” (RODRIGUES LAGE, 2013, p. 85). E, nesse sentido, parece apropriado pensar o jornalismo como uma modalidade de testemunho.

Continuando com a narrativa, o real nos chega pelo testemunho dos sobreviventes. O pai de “Betinho” conta em detalhes os últimos momentos da vida do filho. O garçom, Robson, diz o que lhe passou pela cabeça antes de perder os sentidos depois de levar um tiro. Nilzete, a faxineira, relata a perseguição à van onde o marido foi atingido e morto. Outros nove personagens narram o que viram, o que viveram, o que lembram. Em mais um trecho:

A chegada do Bope fez com que as pessoas corressem em pânico e se espalhassem pela favela em busca de abrigo. Com Robson Guimarães não foi diferente. Ele é pedreiro e constrói casas na Maré. Passou o dia trabalhando numa obra e voltou para casa no fim da tarde. Fez um lanche com a mulher, Célia, com quem é casado há 26 anos, e a filha Carolyne, de 14 anos, cujo nome ele traz tatuado no braço esquerdo. Evangélico da Igreja Nova Vida, no braço direito Guimarães tatuou uma imagem de Cristo. Por volta das nove, ele estava na rua Principal, próxima à sua casa, conversando com amigos. Ao ouvir os tiros, o grupo se dispersou. Robson correu para a casa da mãe, na mesma rua, onde vivem sua avó, de 78 anos, sua irmã, o cunhado e um sobrinho de 16 anos. Ao entrar, ele viu o garoto na varanda de cima,

espiando o tiroteio. Subiu a escada e puxou o sobrinho para dentro de casa, repreendendo-o: “Você está louco? Quer levar um tiro?” Quando voltou para fechar a porta da sacada, foi atingido por uma bala de fuzil. O artefato bateu primeiro na parede, ricocheteou e perfurou-lhe o rim, o baço e o pulmão, indo se alojar na costela. Antes de perder os sentidos, ele ainda ouviu os gritos da mãe e da avó. O cunhado o arrastou pela escada, deixando um rastro de sangue, e o levou até a porta de casa, em busca de socorro. (“Os invisíveis”, Revista *piuí*, nº 83, agosto de 2013)

Trata-se de um relato pessoal, elaborado a partir de uma vivência singular e subjetiva; um testemunho sem dúvida. De acordo com Agamben (2008), dar testemunho está ligado a uma impossibilidade de testemunhar – uma vez que, para o autor, as verdadeiras testemunhas são aquelas que viveram a experiência até o fim e portanto não podem voltar do martírio para narrar<sup>5</sup>. Assim, ele considera que “o que resta de Auschwitz – as testemunhas – não são nem os mortos, nem os sobreviventes, nem os submersos, nem os salvos, mas o que resta entre eles” (AGAMBEN, 2008, p.162).

Além disso, de acordo ainda com Selligman-Silva, aquele que volta de uma situação radical de violência tem “carência absoluta de narrar”. Não importa que, para isso, precise recorrer a imaginação como uma espécie de estratégia.

O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração (...) Ao invés de negarmos a possibilidade de ver na imaginação e em seu trabalho de síntese de imagens um potente aliado, devemos, com Derrida (1998), ver nesta aproximação entre o campo testemunhal e o da imaginação a possibilidade mesma de repensar tanto a literatura como o testemunho e o registro da escrita autodenominado de sério e representacionista. (SELLIGMAN-SILVA, 2008, p. 71)

Entre esses registros “sérios e representacionistas” de que fala o autor, podemos incluir o jornalismo. Ocorre que, ao lançar mão dos testemunhos não como mera técnica para obtenção de verdades mas como uma construção de linguagem elaborada durante o percurso da narrativa e que vai muito além das declarações aspeadas dos entrevistados, o ato de narrar no jornalismo acaba se compondo como um gesto de recusa ao que se quer dogmático na imprensa.

---

<sup>5</sup>No livro *O que resta de Auschwitz*, Giorgio Agamben (2008) parte das narrativas de Primo Levi sobre a Segunda Guerra Mundial (*É isto um homem?* e *A Trégua*, por exemplo) para analisar o papel do testemunho como documento histórico e seus limites. Ao procurar entender as dimensões da produção escrita dos sobreviventes do Holocausto, o filósofo considera que as legítimas testemunhas da Shoah seriam os “Muçulmanos”, como eram chamados nos campos de concentração aqueles que estavam totalmente destruídos em sua capacidade de resistir, os que atravessaram o evento até o final, e que portanto estão mortos. “O intestemunhável tem nome. Chama-se, no jargão do campo, *der Muselmann*, o muçulmano” (AGAMBEN, 2008, p.49)

Para Didi-Huberman (2012), a imaginação pode mesmo funcionar como uma espécie de baluarte contra a irrepresentabilidade do testemunho. “Para saber, é preciso imaginar-se” (2012, p.15), lembra o autor, apontando para o fato de que é justamente porque o pensamento hegemônico pretende fazer com que alguns eventos sejam inimagináveis, apagando seus rastros, que o testemunho – com todas as suas lacunas, vazios, lapsos de memória e apagamentos – se torna essencial. “A própria existência e a forma dos testemunhos contradizem poderosamente o dogma do inimaginável” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 89).

#### 4. As prostitutas do Ceará

No direito, há um bordão que diz que “o testemunho é a prostituta das provas”. A frase evoca o saber positivista e a crença na ciência e nos artificios técnicos como os únicos legítimos para a compreensão do mundo. A certeza jurídica é de que provas meramente testemunhais podem contaminar a sentença. Ora, é como se indagassem: como considerar fidedigno aquilo que só é possível pelo acesso à memória? Para além da carga pejorativa, interessa aqui pensar que esse lugar-comum põe em xeque a relação entre testemunho e verdade também no jornalismo, atividade pautada hegemonicamente pelo paradigma informacional, preso às regras da imparcialidade, do equilíbrio e da objetividade.

Usada como álibi e acessada pela mídia dogmática sempre que lhe convém, a objetividade continua a existir como um fantasma. Gaye Tuchman propõe que os jornalistas recorrem aos procedimentos rituais para neutralizar as críticas. É como se invocassem a “sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (TUCHMAN, 1999, p.75). Confinado no paradigma informacional, o jornalismo lança mão principalmente da estratégia da objetividade como o valor máximo para uma atividade que se julga capaz de capturar o real em toda a sua inteireza.

Uma narrativa sobre garotas que se prostituem no Ceará, publicada às vésperas da Copa do Mundo de 2014, intitulada “Meninas em jogo”<sup>6</sup> ajuda a lançar luzes sobre a discussão. Em quadrinhos<sup>7</sup> e veiculada de forma seriada, ela traz o testemunho direto da

<sup>6</sup>Para ler a reportagem completa: <http://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>.

<sup>7</sup>A análise aqui empreendida não aborda as especificidades da narrativa gráfica e pretende-se menos presa à problemática da autoria no campo da comunicação ou mesmo às questões das rotinas jornalísticas ou ainda às

repórter que não só aparece na cena como diz das suas impressões e deixa à mostra todo o seu percurso, os diálogos, as tentativas frustradas de entrevista com o poder público, o contexto em que acontece, sem que isso comprometa o sentido de verdade do jornalismo.

No primeiro dos cinco capítulos, a narrativa contextualiza o leitor e dá indícios de como surgiu a investigação sobre uma rede de exploração sexual de crianças e adolescentes em Fortaleza. Em um dos quadrinhos, dá a ver o momento exato em que a repórter, à espreita, presencia a abordagem de um possível cliente a uma das garotas de programa. Isso está tanto na reprodução das falas quanto na representação gráfica. Aqui, é fácil localizar a repórter enquanto testemunha no local do fato. Em outro momento, no capítulo dois da narrativa, o testemunho aparece pela fala das garotas, em entrevista à repórter, quando Marina, 13 anos, narra o trauma dos abusos sofridos na infância.

Eu já esperava acordada porque sabia que ele ia lá. Uma vez comecei a gritar e minha avó saiu do quarto. Ele tinha tirado toda a roupa. Aí, ele vestiu a roupa e saiu do quarto.

- Vó, ele queria fazer coisas comigo, pegar nas minhas partes.

Ela achou que era mentira. Disse que eu estava inventando. Aí, eu fui chorar. (“Meninas em Jogo”, capítulo 2, *Agência Pública*, Maio de 2014)

Ao substituir a apuração em campo, as aspas, os dados por um outro modo de narrar que comporta diálogos, sensações, e, ainda assim, os dados, a jornalista nos conduz para o centro da cena. À luz do testemunho (da repórter, das entrevistadas, do quadrinista), também nos tornamos testemunhas daquela narrativa. Se aceitamos que testemunhos são construções lacunares (DIDI-HUBERMAN, 2012), é somente através dos restos que chegam pelos testemunhos que é possível para o leitor se imaginar como parte da experiência narrada. Nessa perspectiva, imaginar-se presente no acontecimento não pode ser visto como uma falsificação do estatuto da testemunha. Trata-se, antes, do contrário. Nenhum testemunho dá a ver a integralidade do acontecimento; não substitui a experiência. Mas todo testemunho é um ponto de contato possível com ela.

---

peculiaridades de cada meio ou veículo por entender que o jornalismo é maior que os suportes. A despeito desta reportagem gráfica ter sido veiculada em uma revista online, nada impede que um jornal diário de grande circulação lance mão da mesma estratégia, a exemplo de uma outra narrativa cartografada para este trabalho, *No peito e na praça*, publicada no periódico *Gazeta do Povo*, de Curitiba. Para ler a reportagem completa: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/quadrinhos-greve-dos-professores/?ref=capa-g>.

Assim, arriscamos dizer que, mais do que uma ferramenta inalcançável de fidelização dos fatos, a objetividade pode ser vista como uma resultante do trabalho jornalístico que se propõe a objetivar os acontecimentos da experiência humana, dar a conhecer, apresentar detalhes e pistas, descrever circunstâncias (TUCHMAN, 1999). Vale perguntar: ao lançar mão desses testemunhos, o jornalismo não estaria sendo tão ou mais objetivo do que no sentido perseguido pelos manuais de jornalismo?

Isso nos leva ao ponto central deste artigo: se aceitamos que as notícias não são mera reprodução dos fatos e tampouco os jornalistas apenas espectadores do processo (TRAQUINA, 1999), não seria possível dizer que o testemunho, justamente por carregar uma carga elevada de subjetividades, é um dispositivo que impulsiona a relação entre os sujeitos no jornalismo? Ou ainda, quando valorizado no percurso da narrativa não apenas como procedimento de uma rotina jornalística mas enquanto experiência vivida e narrada, o testemunho não traria a potência para uma dimensão afetiva do jornalismo que se quer apagada?

Derrida define testemunho como “uma promessa de verdade até mesmo no perjúrio” (apud Casadei e Venâncio, 2012, p. 220). Como uma das hipóteses deste artigo é a de que, no jornalismo, é possível testemunhar por outros testemunhos, parece razoável pensar que ela encontra respaldo exatamente no argumento de Derrida de que “no testemunho, a verdade é prometida para além de toda a prova, toda a percepção, toda a mostração intuitiva” (IDEM). É nesse possível que se fia toda a promessa de relação com o outro, a partir do testemunho, seja no jornalismo ou na história, no documentário ou no direito.

Na “era dos testemunhos”, como acertadamente Annette Wieviorka denominou todo o século XX<sup>8</sup>, a historiografia no seu modelo mais historicista perdeu espaço para uma outra que comporta a memória enquanto modalidade mais emocional (SELLIGMAN-SILVA, 2003). Pensar com o modelo da história pode ser promissor para o jornalismo. Ou seja, é possível que a pluralidade dos testemunhos no século XXI, aliada à entrada em cena de outros meios, seja capaz de favorecer um jornalismo mais afetivo, e nem por isso menos legítimo.

---

<sup>8</sup>“*L’ère du témoin*, de Annette Wieviorka analisa tanto os livros da memória judeu-poloneses como traça um complexo quadro do testemunho em torno da Shoah”. (SELLIGMAN-SILVA, 2003, p. 79). Nos últimos tempos, o valor do testemunho cresce em interesse e provoca pesquisas em diferentes campos do conhecimento. Da teologia ao direito, passando pela psicologia e pela literatura, sem esquecer a história e a filosofia, o conceito de testemunho tem servido de base para uma reflexão em torno das questões da memória, da ética e da linguagem.

## 5. O menino de rua do Bom Jardim

Em mais um exemplo onde o testemunho é valorizado como dispositivo que transcende à técnica, temos uma série de narrativas publicadas pelo jornal Folha de S.Paulo, à época da Copa do Mundo em 2014, que trafegavam na contramão de um jornalismo clássico e se propunham a desvelar os outros lados desse evento espetacular pelo que ele tinha de ordinário<sup>9</sup>. Na série, a escolha narrativa foi a de tomar o acontecimento macro (Copa do Mundo) para desdobrar outros possíveis do acontecimento, uma vez que a vida é marcada por acontecimentos grandes e pequenos, por aqueles que afetam a história coletiva e pelos que deixam marcas na vida do indivíduo (BERGER, 2011).

É Quéré quem nos lembra que o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Para o autor, o acontecimento

[...] abre possíveis e fecha outros. Revela eventualidades e potencialidades que não estavam prefiguradas no mundo antes do acontecimento (...) Reconfigura o mundo, passado, presente e futuro, dos que a ele se expõem e por causa deles sofrem. De notar que os acontecimentos podem ocasionar gozo, se são felizes ou se satisfazem as esperanças para lá das expectativas (QUÉRÉ, 2005, p.16).

Nesse sentido, podemos argumentar que um grande espetáculo do futebol, acontecimento narrado com todas as características de grandioso, trouxe também um lado menos visível, mexeu com os destinos, afetou existências. Nas narrativas de teor testemunhal da Folha de S. Paulo, o pacto com o leitor era o de “contar a seleção pelas margens”, como revelou a própria repórter, dando a ver as tensões que estavam em jogo no campo do acontecimento maior. Assim, em 17 de junho, quando o Brasil enfrentou o México, no estádio Castelão, em Fortaleza, o leitor ficou sabendo sobre Vinicius Marcos Pinheiro Silveira, o garoto que não conta o tempo<sup>10</sup>.

“– Por que não?”, indaga a repórter. “Não conto. Eu não conto a alegria e não conto a tristeza. Tenho o tempo que estou na vida”. Ao iniciar a narrativa com esse diálogo, a repórter desfia o enredo da vida do garoto que sobreviveu à morte do melhor amigo – trauma que ele

<sup>9</sup>Foram 12 matérias publicadas na contracapa do Caderno da Copa e mais outras 7 menores no site.

<sup>10</sup>Para ler a reportagem completa: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1471524-vinicius-atleta-da-selecao-de-meninos-de-rua-salta-para-escapar-da-morte.shtml>.

conta com riqueza de detalhes e que a narradora-testemunha faz chegar a nós, leitores, também testemunhas:

... Morreu em fevereiro, antes do campeonato. De tiro. Aos 14 anos, no dia do seu aniversário. Vinicius, um de seus melhores amigos, assim descreve a sua morte: "Ele tava fazendo uns roubos na favela [porque passava fome]. Um cara apontou a arma primeiro para o irmão dele. Só fez tec, tec. Era catolé". Pergunto o que é "catolé". Ele explica: "Não sai a bala".

Nesse momento, interrompe a narrativa. "Você entende só um pouco de português, né?". Porque eu não alcanço a riqueza da sua língua, peço tradução. Porque o Brasil dos hotéis em que se hospedam a seleção e também a imprensa é estranho ao dele, no avesso de Fortaleza. Mas não só. "Você é muito branca, achei que era gringa."

Vinicius retoma o fio, que agora só será interrompido à bala. "O cara que matou o Rodrigo disse para o irmão dele: 'Ei, Mano, eu não quero tu. Só quero esse neguinho aqui'. E deu tiro na perna, e deu tiro na cabeça." No total foram cinco. Vinicius estava com o resto do time, esperando para treinar, quando chegou a notícia. Em vez de ir para o campo jogar, foram ao velório do capitão.

("Fortaleza no pé: garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua", *Folha de S. Paulo*, 17/06/2014)

Testemunhos comportam fabulações, aponta Didi-Huberman (2012), e a arte de fabular aparentemente não combina com o jornalismo, filho dileto do pensamento moderno iluminista (MARCONDES-FILHO, 2002). Mas testemunhos são imprescindíveis, como tentamos mostrar aqui, como um modo de tocar este real. Mesmo Primo Levi, ao narrar aquela que seria considerada a mais emblemática das narrativas testemunhais sobre o Holocausto ("É isto um homem?"), um sobrevivente que não duvida do acontecimento mais bárbaro de nosso tempo, assim se refere aos campos de concentração quando, no presente, narra a experiência. "Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo – hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido" (LEVI, 1988, p. 105).

Como nos lembra Christa Berger "o tempo da recordação é o presente, portanto, é ele quem orienta as interpretações do passado, construído através de procedimentos narrativos" (2011, p.155). Para a autora, a relação entre o acontecimento maior (no caso em análise, a Copa do Mundo) e o menor (a trajetória de vida de Vinicius) necessita da interpretação de alguém a fim de que faça sentido. A Copa do mundo do Brasil tinha muitos sentidos a serem decifrados, muitas histórias a serem contadas. Algumas delas, a partir do testemunho de seus homens ordinários.

Se a guerra ainda é a notícia mais irresistível, como nos recorda Susan Sontag (2003), faz-se necessário mais do que nunca um “afloramento do cotidiano no código do político” (FOUCAULT, 2003, p.220). Disso também o jornalismo – que, mais do que prática e mais do que discurso, é gesto relacionado à comunicabilidade da experiência – precisa se ocupar, valorizando o testemunho em sua dimensão política, ética e estética. Se como nos diz Selligman-Silva, a construção do testemunho tem justamente a função de “aproximar os cacos deste outro-eu-narrado” (2009, p.136), parece razoável pensar que nas narrativas de teor testemunhal do jornalismo, o sujeito se desloca em direção a um Outro.

## 6. Notas para uma conclusão

Flusser faz uma crítica a respeito dos nossos modos de viver e apreender o universo das imagens técnicas, o que lhe permite apontar duas tendências a partir das quais estaríamos seguindo. Uma delas seria “rumo a uma sociedade totalitária, centralmente programada, dos receptores das imagens e dos funcionários das imagens”, uma dimensão tecnicizante na qual o sujeito não seria muito mais do que um objeto da imagem que produz. A outra tendência seria a que nos leva em direção “a uma sociedade telemática dialogante dos criadores das imagens e dos colecionadores das imagens” (2008, p.14). Esta segunda empreitada, dirá Flusser, dá a ver uma sociedade que cria imagens, uma sociedade que faz com que as imagens “sirvam a diálogos, mais que a discursos” (2008, p.70).

Nesse sentido, ao considerarmos o “universo das imagens técnicas” de que fala Flusser como parte também constitutiva do quadro histórico-cultural que buscamos delinear para pensar o jornalismo, esta reflexão se faz valer da ideia de que os fazeres distintos que nos têm sido apresentados neste contexto possam ser lidos como instâncias de enunciação midiática que nos ajudam a balizar o processo de produção de diálogos. Sendo produções de cunho jornalístico e que potencialmente apresentam formas distendidas de narrar o acontecimento, quadrinhos ou documentários, por exemplo, tornam-se fundamentais para problematizarmos e compararmos os modos possíveis de narração e produção de sentidos. Esta reflexão, deste modo, acolhe uma dimensão discursiva ampliada (STAM e SHOHAT, 2006), haja vista a demanda pelo reconhecimento do fato de sermos hoje atravessados por uma dinâmica de

significação engendrada nas próprias práticas discursivas e nos dispositivos através dos quais são produzidos os sentidos.

Em outras palavras, a atenção aos distintos modos de enunciação de cunho jornalístico no quadro histórico-cultural que hoje atravessamos nos parece crucial, dado o fato de que é também através do exercício de comparação que reconhecemos outras perspectivas de uso da linguagem. Assim, quando olhamos para o testemunho como um problema do jornalismo, levando em conta o desafio desta prática em ser hoje compreendida a partir de uma dimensão relacional, estamos também trabalhando com formas de rever o enquadramento que, geralmente, conduz as normas do narrar jornalístico. E é por este viés que o testemunho se torna, ele próprio, uma condição de narração, contribuindo para que pautemos outras perguntas em torno do jornalismo nos dias atuais.

É por esta via que também procuramos dar lugar a uma cartografia de existências na qual o fio do ordinário foi invocado do início ao fim. Mesmo que aqui estivéssemos falando do momento exato em que essas vidas comuns, prosaicas, simples, cruzaram com o trágico, o fatídico, o extraordinário, por assim dizer. Em nossa análise, verificamos as narrativas de teor testemunhal, à luz de questões relativas às ideias de acontecimento, imaginação e objetividade. Trata-se de narrativas que prescindem dos códigos da linguagem jornalística tradicional utilizados para contar a experiência do Outro. Aqui, o Outro não é um terceiro, aquele que apenas “conta”, “diz”, “explica”. O Outro fala pelo texto.

Construir um olhar para o jornalismo a partir do testemunho tomando como recorte a experiência da vida cotidiana significa adotar uma postura epistemológica que indaga acerca do paradigma relacional do jornalismo, esse em que os sujeitos estão em relação (FRANÇA, 2006) se constituindo na ação de afetar e ser afetado reciprocamente a partir do modo como a narrativa os interpela. Como lembra Maria Lucília Marcos:

[...] as relações humanas mais valiosas são aquelas que interrompem alguma coisa, que nos interrompem, que nos roubam a pacatez, que não nos deixam indiferentes, mas que fazem a diferença e nos perturbam na nossa identidade, na nossa mesmidade. (MARCOS, 2010, p. 245).

Em *Diante da dor dos outros*, Susan Sontag (2003) reflete sobre o impacto provocado pelo excesso de imagens da dor e da guerra cotidianamente evocadas pela arte e veiculadas nos meios de comunicação. É como se perguntasse: diante do uso imoderado das imagens de

sofrimento, teríamos nos tornado imunes ao sofrimento do outro? Neste artigo, de certo modo, seguimos a trilha sugerida pela autora para indagar sobre um jornalismo que abusa dos enredos catastróficos em narrativas de teor testemunhal, que ora incomodam ora provocam apatia, mas só raramente são capazes de despertar sentimentos de alteridade.

Pensamos em parte com Sontag, mas também propomos ir além, ao buscarmos neste artigo olhar com atenção para o lugar que o testemunho ocupa nas narrativas jornalísticas. Nossa intenção foi a de perseguir o argumento de que, se o testemunho espetaculariza, é também por intermédio dele que nos humanizamos<sup>11</sup>. Em meio a uma imprensa onde imperam notícias de criminalidade e violência, procuramos apontar um potencial político e estético do testemunho em sua tentativa de dizer o indizível. Por outras palavras, nossa premissa é de que, quando valorizado nas narrativas midiáticas para além da técnica, o testemunho, como instância de correlação de afetos, pode dar a ver um sensível da experiência, muito mais do que mediar o sofrimento. E, sendo assim, pode nos levar em direção a um Outro, fazendo-nos indagar a respeito de uma dinâmica relacional do jornalismo.

## Referências

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

BERGER, C. – **Trajatória de vida e acontecimento**: Simonal na ditadura. In LEAL, B.S.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs). *Jornalismo e acontecimento Vol. 2 – Percursos metodológicos*. Florianópolis: Insular, 2011.

BENETTI, M. **Análise do discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, M. e LAGO, C. (orgs.) (2007). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

---

<sup>11</sup>Butler (2015) articula o mesmo argumento por nós utilizado ao propor uma reflexão sobre as fotografias de Abu Ghraib e os enquadramentos que delas se desdobram. Para Butler, Susan Sontag desconsidera este aspecto quando esboça seu pensamento em torno da espetacularização das imagens.

CASADEI, E.; VENÂNCIO, R. **O testemunho do fato**: estratégias retóricas em programas jornalísticos. In SOARES, R. L.; GOMES, M. R. (Orgs) *Profissão Repórter em diálogo*. São Paulo: Alameda, 2012.

DERRIDA apud CASADEI, E.; VENÂNCIO, R. **O testemunho do fato**: estratégias retóricas em programas jornalísticos. In SOARES, R. L.; GOMES, M. R. (Orgs) *Profissão Repórter em diálogo*. São Paulo: Alameda, 2012.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FOLLAIN, V. L. **Encenação da realidade**: fim ou apogeu da ficção? In: *Revista Matrizes*, ano 3 – Nº 1, ago/dez. 2009. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/119/193>. Acessado em janeiro de 2015.

FOUCAULT, M. **A vida dos homens infames**. In *Estratégia, poder-saber: ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FRANÇA, Vera. Sujeito da Comunicação; Sujeitos em Comunicação. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (orgs). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 61-88

GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LAGE, L. R. **O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas**. In: *Revista Contracampo*, vol. 27, nº 2, p. 71-88. Niterói, 2013.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os que sucumbem e os que se salvam**. Lisboa: Editorial Teorema, 1986.

MARCONDES FILHO, C. **A Saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARCOS, Maria Lucília. Comunicação, experiência e a questão do reconhecimento: a alteridade radical no pensamento de Levinas. Entrevista: Diálogos Midiológicos. In: *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, Vol. 33, nº 2, pags: 241-251, jul-dez. 2010 QUÉRÉ, L. – **Entre facto e sentido**: a dualidade do acontecimento. Lisboa: Trajectos, 2005.

RESENDE, F. “Falar para as massas, falar com o outro: valores e desafios do jornalismo. In: FRANÇA, V. e CORRÊA, L. G. **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 153-165.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010

SELLIGMAN-SILVA, M. **Narrar o trauma**: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Revista de Psicologia Clínica*, Vol. 20, nº 1, Rio de Janeiro, p. 65-82, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf> Acessado em junho de 2013.

\_\_\_\_\_ **Grande Sertão**: Veredas como gesto testemunhal e confessional. In: *Alea: Revista de Estudos Neolatinos*. vol.11, nº 1, Rio de Janeiro jan./jun. 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2009000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100011&lng=pt&nrm=iso). Acessado em junho de 2013.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

STAM, R. e SHOHAT, E. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TRAQUINA, N. **As notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: Questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega Editora, 1999. p. 167-176.

TUCHMAN, G. **A objectividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: Questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega Editora, 1999b. p. 74-90.